O OBJETO E O MÉTODO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

OBJECT AND METHOD OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY
EL OBJETO Y EL MÉTODO DE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO CULTURAL

G. G. Kravtsov[1]
E. E. Kravtsova[2]

Resumo: No presente artigo, examina-se, brevemente, a crise por que passava a Psicologia à época em que L. S. Vigotski viveu e construiu sua obra científica. Ela é identificada como a crise que envolvia a definição do próprio objeto de estudo da Psicologia. As diversas tentativas realizadas com o intuito de definir o objeto dessa nova ciência que emergia geraram inúmeras visões, por vezes até antagônicas. Essa multiplicidade de visões, identificadas como diferentes escolas de pensamento a respeito da Psicologia, acabou por transformá-la numa pseudociência, vazia de seu próprio conteúdo. Foi em meio a essa crise que Vigotski formulou e apresentou uma nova e revolucionária visão teórica que rompeu com o reducionismo então vigente. São aqui apresentadas, resumidamente, suas principais ideias e fundamentos acerca do que seria o objeto da Psicologia e sua indissociável relação com o método que utiliza.
Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural. L.S. Vigotski. Objeto e método de estudo.

Abstract: In the present article, we briefly examine the crisis that was going through Psychology at the time when L. S. Vygotsky lived and built his scientific work. This crisis involved the definition of the object of study of Psychology itself. The various attempts made to define the object of this new emerging science generated innumerable visions, sometimes even antagonistic. This multiplicity of visions, identified as different schools of thought regarding Psychology, eventually turned it into a pseudo-science, empty of its own content. In the midst of this crisis Vygotsky formulated and presented a new and revolutionary theoretical vision overcomingthe reductionism then in force. In the present text, we briefly present his main ideas about what would be the object and method of Psychology
Keywords: Historical-cultural psychology. L. S. Vygotsky. Object and method of study.

Resumen: En el presente artículo, se examina brevemente la crisis por la que se pasaba la Psicología en la época en la que L. S. Vigotski vivió y construyó su obra científica. Se identifica como la crisis que involucra la definición del proprio objeto de estudio de la Psicología. Los diversos intentos realizados con el propósito de definir el objeto de esa ciencia que emergía generaron inúmeras visiones, por muchas veces antagónicas. Esa multiplicidad de visiones, identificadas como distintas escuelas del pensamiento con respecto a la Psicología, se acabó por transformarla en pseudociencia, vacía en su proprio contenido. Fue en medio de una crisis que Vigotski ha formulado y presentado una nueva y revolucionaria visión teórica que rompió con el reduccionismo que estaba vigente. Se presentan aquí, en resumen, sus principales ideas y fundamentos acerca del que sería el objeto de la Psicología y su relación con el método que utiliza.
Palabras clave: Psicología histórico cultural. L.S. Vigotski. Objeto y método de estudio.

[1] Doutor em Psicologia. Professor da Fundação L. S. Vigotski, Moscou, Rússia. E-mail: ekravcva@rambker.ru.
[2] Doutora em Psicologia. Professora da Fundação L. S. Vigotski, Moscou, Rússia. E-mail: ekravcva@rambker.ru.

Qualquer ciência ou disciplina parte da definição do seu objeto. Isso é correto e esperado. O objeto é o aspecto mais importante que define qualquer ciência. E mais, é exatamente o objeto que transforma em ciência um determinado campo de conhecimento. É possível até mesmo afirmar que um especialista numa determinada área é especialista porque enxerga o objeto de sua ciência.

Em muitas ciências já estabelecidas, o objeto está intuitivamente claro, até mesmo em caso de não haver uma definição universalmente aceita. Para a psicologia, a questão do seu objeto é um tema delicado. Na psicologia do início do século XX e até a década de 1930, havia uma clara crise. Seu motivo e sua essência era a perda do objeto. Do que se ocupa a psicologia? O que ela estuda se, da "ciência da alma", a própria alma foi extirpada? Onde e de que forma existe seu objeto? Qual é a natureza da psique? Será que existe a psique de tal forma que seja possível apontar e tocar com os dedos? Finalmente, quem é o psicólogo, o que faz e será que ele é mesmo necessário?

Cada escola científica tentou definir o objeto da psicologia a seu modo. Por esse motivo, a psicologia do início do século XX mergulhou numa crise que se manifestou externamente com uma multiplicidade de escolas e abordagens científicas. Era uma guerra de todos contra todos. Os gestaltistas discutiam com seu inimigo secular, os associacionistas. Contra os gestaltistas se levantavam seus inimigos, os representantes da escola de Wurtzburgo. O método da escola de Wurtzburgo, por sua vez, provocava discordâncias fortes em todos os pesquisadores que se inclinavam para a objetividade nas investigações psicológicas. Os wurtzburguianos levaram os métodos de introspecção a uma perfeição refinada, ou seja, ao culto especial da auto-observação. O autorrelato da pessoa pesquisada, é claro, dependia de quem essa pessoa era, do desenvolvimento do seu pensamento reflexivo, de suas capacidades verbais, etc. Os trabalhos de O. Külpe, O. Zeletz, N. Ach e outros contribuíram significativamente para a psicologia. Por exemplo, eles conseguiram, de fato, mostrar a existência do pensamento não-imagético. Essa descoberta significou que a ideia que uma pessoa tem está fora do tempo e do espaço. A ideia pura não é sobrecarregada por imagens que a acompanham, não é a combinação de representações e não se resume à manipulação de objetos, sejam externos sejam internos.

Um acontecimento extremamente significativo naquela época foi o surgimento da psicanálise. O estudo de S. Freud, com dificuldade, conquistou seu lugar ao sol. No entanto, aconteceu que, atualmente, o freudismo praticamente se transformou na quarta religião mundial. Muitas pessoas da nossa época confrontam sua vida "com Freud".

Os psicólogos norte-americanos, insatisfeitos com a metafísica das escolas europeias, criaram suas próprias teorias com propensão ao pragmatismo que lhes é comum. W. James reconheceu a proximidade de suas ideias com a filosofia do pragmatismo de J. Dewey e escreveu dois tomos intitulados "Psicologia geral" que, posteriormente, resumiu-se a um volume denominado "Psicologia". W. James é considerado o fundador da ciência psicológica americana nos EUA. Ele expulsou definitivamente a alma do objeto da psicologia. Segundo ele, da alma devem se ocupar os servos de Deus e os ocultistas, mas não as pessoas da ciência. No entanto, isso não o atrapalhou a escrever o maravilhoso

livro "A diversidade da experiência religiosa". Porém, a incoerência e a contradição de grandes pessoas podem provocar apenas admiração.

Os trabalhos de J. Watson são um exemplo do behaviorismo clássico. Os behavioristas expulsaram do objeto da psicologia não apenas a alma, mas a própria psique. Resultado: permaneceu apenas o que se submete à fixação objetiva, mais precisamente, o comportamento da pessoa. A psique, a alma, a consciência foram anunciadas como "caixas pretas" que não se submetiam, principalmente, ao estudo científico.

O ímpeto pela objetividade nas investigações psicológicas diferenciava também a corrente reflexológica. Seus seguidores se armaram da ideia de reflexo de Descartes como princípio do funcionamento do cérebro e do sistema nervoso como um todo. Essa ideia permanece, na contemporaneidade, como fundamento da fisiologia da atividade nervosa superior. Na Rússia, I. M. Setchenov foi quem deu início a essa corrente com o trabalho "Reflexos do cérebro" (1863/2014). De acordo com Setchenov, a ideia é um reflexo com o fim refreado. A essa corrente devem ser relacionadas as obras de V. M Berterev e os estudos de I. P. Pavlov. Em sua essência, essa abordagem conjuga a psique e a fisiologia e, no limite, nega à psicologia o seu próprio objeto e o direito de existência.

L. S. Vigotski viveu e trabalhou à época dessa evidente crise e analisou a situação que se configurou na obra metodológica "O sentido histórico da crise na psicologia" (1982). Segundo ele, para qualquer teoria psicológica, o mais importante é seu princípio explicativo. O princípio explicativo é o conceito básico do qual nasce toda teoria em sua completa concretude e suas múltiplas conclusões. Por exemplo, na psicologia, esses princípios explicativos eram, como já mencionado, os conceitos de associação, da Gestalt, do reflexo, da reação ou relação entre estímulo e resposta a ele, da atividade, etc. Em qualquer teoria psicológica concreta, toda a diversidade da vida consciente se resume e é interpretada à luz do seu princípio explicativo. L. S. Vigotski acompanha, em sua obra "O sentido histórico da crise na psicologia" (1982), a origem desse conceito que, posteriormente, se transforma em princípio explicativo e analisa os estágios de sua formação e generalização, chegando até o nível universal de concepção de mundo. Inflado como uma bolha de sabão, esse conceito compartilha seu destino e, ao final das contas, retorna ao seu lugar de lei como um conceito útil da teoria. Esse é o destino dos conceitos que pretendem um lugar real de princípio explicativo. No entanto, mesmo em tempos de reinado, eles não se manifestavam da melhor maneira, perdendo sua força construtiva em função de sua pretensão à universalidade. "No crepúsculo da Gestalt, todos os gatos são pardos", diz L. S. Vigotski (1983, p. 16). Na neblina da teoria da atividade também não há uma riqueza de cores. De acordo com esta teoria, tudo na psique é atividade, sejam seus componentes estruturais sejam combinações de atividades. O pensamento e a memória, a imaginação e as emoções, os motivos e a atenção, a fala e as funções volitivas, tudo é interpretado e explicado à luz da atividade. Quando um conceito explica tudo, ele deixa de explicar qualquer coisa.

Tal estado de coisas é consequência de um inevitável reducionismo. L. S. Vigotski refletiu intensamente sobre o problema do reducionismo científico na psicologia.

> Por meio de seus melhores representantes, a psicologia infantil conclui que a descrição do mundo interior da vida da pessoa como um todo está na arte do poeta ou do historiador. Em síntese, isso significa *testimonium pauperitatis* (testemunho de pobreza, lat.), isto é, testemunho da inconsistência da psicologia infantil, reconhecimento, em princípio, da impossibilidade de investigação do problema da personalidade nos limites das fronteiras metodológicas no âmbito das quais surgiu e se formou a psicologia infantil. Apenas a saída decisiva dos limites metodológicos da psicologia infantil tradicional pode levar-nos à investigação do desenvolvimento da síntese psíquica superior que, com toda razão, deve ser denominada de personalidade da criança. A história do desenvolvimento cultural da criança leva-nos à história do desenvolvimento da personalidade (VIGOTSKI, 2002, p. 538-539).

O autor da concepção histórico-cultural não criou simplesmente mais uma teoria na psicologia, mas realizou uma ruptura na ciência que pode ser comparada ao feito de G. Galileu. Na ciência tradicional, o estado das coisas é: ou se tem a personalidade como objeto da investigação e, então, não existe a própria ciência com o seu método de conhecimento específico, ou se tem a investigação científica com o método correspondente, porém perde-se nele a personalidade como objeto de estudo. A saída para essa situação é uma só - criação de uma ciência não clássica, totalmente nova. Foi isso que L. S. Vigotski conseguiu fazer. Pensamos que, no decorrer do tempo, a psicologia histórico-cultural não clássica se transformará em modelo de ciência clássica, orientada para o fenômeno humano, o que permitirá abandonar a partícula duvidosa "não" que carrega um sentido negativo. Por enquanto, pode-se dizer que a teoria e o método de L. S. Vigotski são, antes de tudo, uma ciência não clássica. Assim como acontece com pessoas desse calibre, L. S. Vigotski estava muito à frente do seu tempo. Ele não foi compreendido em suas últimas consequências até mesmo por seus alunos e colaboradores mais próximos. Suas obras e seu próprio nome permaneceram proibidos ao longo de décadas pelo poder soviético. Em 1936, foi publicada a Resolução do Comitê Central do Partido Comunista da Rússia - dos bolcheviques (CC do PCR(b)) - *Sobre as deturpações pedológicas no sistema dos Narcompros*[3], de 4 de julho do mesmo ano. Foram reprimidos e fuzilados pedólogos e psicotécnicos. Antes disso, foram reprimidos os criminologistas. Pendiam sobre a psicologia nuvens plúmbeas. A esposa de L. S. Vigotski, R. N. Vigodskaia, certa vez, disse que Lev Semionovitch [Vigotski] adivinhou quando morreu em 1934 porque, dificilmente, teria conseguido sobreviver às perseguições de 1936. Realmente, ele escreveu muitos trabalhos pedológicos. A pedologia, uma palavra introduzida por Stanly Hall, é o estudo da criança. O que, do ponto de vista político, pode parecer mais ingênuo do que uma ciência da criança? No entanto, o poder daquela época sentiu-se ameaçado. Aqui, é preciso reconhecer a intuição dos burocratas e dos funcionários do poder, pois, na realidade, as transformações da visão da pessoa a seu próprio respeito ameaçam o sistema social e de poder existente.

À luz da abordagem histórico-cultural, o ser humano não é apenas um ser biológico,

[3] A tradução dessa Resolução está na íntegra em PRESTES, Z. *Quando não é quase a mesam coisa: traduções de L. S. Vigotski no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2012, pp. 247-252.

social e até biossocial, mas, antes de tudo, espiritual. A pessoa tem consciência. A pessoa tem instrumentos dos quais se valem sua psique e seu corpo. A pessoa é a consciência mais seus instrumentos. Aproximadamente assim Sri Aurobindo Ghosh definia o ser humano. Então, a consciência e seus instrumentos são a pessoa como personalidade.

Exatamente o problema da personalidade são o alfa e o ômega do objeto da psicologia histórico-cultural. A personalidade é uma pessoa tomada "pelo interior". De maneira mais geral e abstrata, a personalidade é a consciência e seus instrumentos, ou seja, consciência mais corpo e psique. A consciência não é instrumental, enquanto tudo que há na psique - pensamento, emoção e, até mesmo, a vontade - nada mais é do que instrumentos da realização da vida humana.

Ao afirmar a personalidade como objeto da psicologia, nos colocamos numa situação complexa do ponto de vista metodológico. O objeto da psicologia - a consciência - manifesta-se como parte e componente estrutural do seu objeto - a personalidade, que foi definida como consciência e seus instrumentos. Mas não há o que fazer, pois a psicologia não cabe nos limites do método clássico de conhecimento científico e em seus esquemas.

O problema da personalidade, segundo as palavras já mencionadas de L. S. Vigotski, é "central e o mais relevante de toda a psicologia". É o seu objeto. Desse ponto de vista, toda a psicologia é, num certo sentido, psicologia da personalidade.

Segundo L. S. Vigotski, o objeto de uma determinada ciência está relacionado às especificidades do método que utiliza. O autor da psicologia histórico-cultural propõe o **método genético-experimental,** que recebeu na psicologia contemporânea o nome de **método projetivo**, e permite modelar processos de desenvolvimento. A inclusão do método projetivo como pedra angular da psicologia histórico-cultural (não clássica), desde o início, permite concluir que, para esta psicologia e para o psicólogo que nela fundamenta seu trabalho, em primeiro lugar, é mais importante a dinâmica, o desenvolvimento e não a coleção de dados estatísticos ou até mesmo a correlação entre eles.

O método genético-experimental (projetivo) difere-se qualitativamente de outros métodos, em particular, o de projetos e o formativo, amplamente utilizados e introduzidos na psicologia por P. Ia. Galperin (2007).

A primeira diferença do método projetivo está relacionada ao fato de que, tanto nos projetos quanto no experimento formativo, existe a pessoa que os organiza, controla, avalia, enquanto o método genético-experimental de L. S. Vigotski inclui, necessariamente, o pesquisador. Em outras palavras, quem organiza, realiza, usa o método projetivo, por direito e lei, é participante pleno da investigação (do experimento). O método projetivo da psicologia histórico-cultural pressupõe o desenvolvimento, antes de tudo, dos que o pensaram e o realizam na prática. Em outras palavras, pressupõe-se que, no processo do método projetivo, devem se desenvolver certas qualidades e capacidades na criança e no adulto; é necessário organizar e garantir o desenvolvimento do pedagogo e do organizador desse processo.

A segunda diferença do método projetivo está relacionada ao fato de que com ele não se analisa como devem ser os aspectos do sujeito, suas relações, seu comportamento, etc., mas como **podem ser**.

Em outras palavras, se os projetos e os experimentos formativos são orientados por determinados parâmetros (formação da leitura rápida, da digitação pela pessoa cega, etc.), o método projetivo permite compreender como isso pode ser alcançado. Por exemplo, o modo como pessoas com diferentes tipos de caráter, especificidades do sistema nervoso, gênero, idade, etc. entram num determinado processo, como se orientam nele, como e em quais circunstâncias é possível evitar malogros emocionais, etc.

Finalmente, a *terceira diferença do método projetivo* em relação aos experimentos formativos e aos projetos diz respeito aos seus resultados. Se o método formativo e o de projetos são orientados pelo resultado prático real, o genético-experimental é, antes de mais nada, um método científico de investigação que, dependendo dos resultados obtidos, pode se transformar em fundamento para alterações do programa de instrução, para a construção do sistema do trabalho de correção, para o desenvolvimento das relações entre pais e filhos, etc.

Até mesmo uma análise superficial das investigações psicológicas contemporâneas permite dizer que o método projetivo, assim como foi proposto por L. S. Vigotski, praticamente não é utilizado. Pode-se, acreditamos, citar três exceções a essa regra. São, obviamente, as pesquisas de L. V. Zankov, posteriormente, o ciclo de trabalhos realizado sob a orientação de D. B. Elkonin (1989) e V. V. Davidov (2008) e, finalmente, as nossas investigações e seus resultados, os programas educacionais inovadores "Zolotoi kliutchik" ("Chave de ouro"), "Master" ("Mestre") e "Otkritie" ("Descoberta"). Além disso, foi possível elaborar tanto um sistema integral de formação de psicólogos histórico-culturais em uma Instituição de Ensino Superior, quanto criar disciplinas isoladas que permitem aos estudantes "mergulhar" na essência da psicologia histórico-cultural.

Um dos conceitos basilares na teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski é o de "desenvolvimento cultural". Uma pessoa culturalmente desenvolvida, para ele, sabe dominar e dirigir não apenas seu comportamento e suas ações, mas dominar seus processos psíquicos. A análise do conceito de "desenvolvimento cultural" permite dizer que L. S. Vigotski compreendia, de forma um pouco diferente da de hoje, a essência do processo de instrução. Na psicologia histórico-cultural, a instrução garante a formação e o desenvolvimento da vontade e da voluntariedade. Assim, a instrução não é compreendida como a transformação do que é externo em interno (interiorização), mas como capacidade de realização de si no mundo externo.

Isso pode ser ilustrado com a ajuda do conceito de "socialização" que é amplamente utilizado na psicologia contemporânea. Em relação ao indivíduo, esse conceito significa a sua entrada no âmbito social, a construção do seu comportamento e sua atividade em correspondência com as leis e normas de uma determinada sociedade. Isso possibilita, com certos meios, forçar o indivíduo a aprender as normas da sociedade e a realizar um **comportamento adaptativo**. Infelizmente, essa é a base de um número bastante grande de sistemas pedagógicos contemporâneos. Mas, é verdade, como mostra a experiência, nesse caso, assim que o olho rígido do controle social deixa de piscar diante do indivíduo, sua socialização evapora-se e ele começa a realizar ações contrárias às normas. Um exemplo claro disso pode ser, não o comportamento criminoso (contra a lei), mas o bem

conhecido fenômeno quando há silêncio e disciplina na classe até o professor sair da sala por um minuto. Ou, por exemplo, sabe-se muito bem o que acontece no dormitório de um acampamento, quando o responsável sai em direção a outro dormitório (do dos meninos para o das meninas e vice-versa). Em todos esses e muitos outros casos análogos, as crianças manifestam um comportamento externo socializado, sem serem sujeitos desse comportamento. O autêntico sujeito desse comportamento é a sociedade na pessoa de adultos concretos que, seja por seu papel social seja por suas qualidades pessoais, determinam uma norma social e obrigam os demais ao seu redor a construírem seu comportamento de acordo com ela.

Na psicologia histórico-cultural, em que a socialização é analisada como capacidade do sujeito para autorrealização, a criança recebe a possibilidade, desde o início, de sentir-se participante pleno da sociedade e não um "parafusinho" no complexo sistema de hierarquia social. Nesse caso, o processo de socialização não está em oposição ao processo de desenvolvimento da personalidade na ontogênese, mas coincide com ele, confirmando a afirmação de L. S. Vigotski de que lá, onde o sujeito se sente como fonte do seu comportamento e da sua atividade, ele atribui às suas ações um caráter pessoal.

Referências

DAVIDOV, V. V. **Lektrsii po obschei psirrologuii**. Moskva: Academia, 2008.

ELKONIN, D. B. **Izbrannie psirrologuitcheskie trudi**. Moskva: Pedagoguika, 1989.

GALPERIN, P. Ia. **Vvedenie v psirrologuiu**. Moskva: Universitet Knijni dom, 2007.

SETCHENOV, I. M. **Refleksi golovnogo mozga**. Moskva: Izdatelstvo Aist, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Sobranie sotchineni. Tom 1**. Moskva: Pedagoguika, 1982.

VIGOTSKI, L. S. **Sobranie sotchineni. Tom 3**. Moskva: Pedagoguika, 1983.

VIGOTSKI, L.S. **Psirrologuia**. Moskva: Aprel Press, Eksmo-Press, 2002, 1007p.

Recebido em 01 de dezembro de 2018
Aprovado em 15 de fevereiro de 2019